

Causos de RH 3



Distribuição
Gratuita
Comunidade de
Recursos
Humanos

EDIÇÃO NATALINA

2008

SUMÁRIO

ATENTADO À GRAMÁTICA -----	04
CAMPANHA DE COMBATE À FOME E A MISÉRIA -----	05
CIDADÃO CONSCIENTE -----	09
EXAME MÉDICO PERIÓDICO -----	13
MÃE É TUDO IGUAL, SÓ MUDA O CPF -----	16
MARQUINHOS -----	18
MEA CULPA? -----	20
O INFALÍVEL E O INACREDITÁVEL -----	22
O MENINO JOHN KENNEDY DA SILVA -----	28
PAULO MENTIRA -----	30
PREMONIÇÕES -----	34
REQUISITOS DE SELEÇÃO -----	36
TRÊ AMIGOS -----	38
TROTE -----	42

ATENTADO À GRAMÁTICA

Eneida Valentim de Melo – Bacharel em Letras – Brasília/DF

Uma das atribuições do pessoal do RH, durante determinado período consistia em secretariar o Conselho Deliberativo, que se reunia mensalmente. O Secretário Executivo, que presidia as reuniões, analisava todos os processos constantes da pauta dias antes de sua realização.

A fim de ganhar tempo na análise de processos, havia uma norma estabelecendo a proibição de despachos nos quais constasse expressões como: "Ao Setor tal, para as devidas providências", ou "Ao Setor tal, para as providências cabíveis". Cada servidor deveria analisar o processo a ele encaminhado, emitindo parecer conclusivo sobre a matéria.

Todo o material era colocado na sala de reuniões e só entrávamos quando chamados.

Um dia a campainha tocou com tanta fúria que mais parecia uma sirene de bombeiros. O Chefe estava lívido, com um processo nas mãos, indagando o que significava aquilo. "Ao ler o conteúdo "daquilo", que ele me entregou estava escrito pelo Técnico de Contabilidade, o seguinte parecer: "O meu despacho está anexado na vice-versa desta folha". Sem comentários.

CAMPANHA DE COMBATE À FOME E A MISÉRIA

Evandro Valentim de Melo – Administrador – Brasília/DF

Naquele ano Herbert de Souza - o Betinho - lançava campanha nacional de combate à fome e à miséria. Como sempre acontecia, o RH assumiu o papel de locomotiva, puxando as demais unidades, sensibilizando os colegas, para adesão. Desta vez, entretanto, não houve a menor resistência dos empregados. Todos conheciam a campanha e, de forma até então inédita, 100% de todo o efetivo daquela instituição abraçava uma causa, somando forças ao povo brasileiro, que nos demais estados da federação agia em nome de uma boa causa. Por todo o País doações eram efetuadas e noticiadas intensivamente pela mídia.

Na empresa o RH solicitou que cada empregado e empregada doasse, pelo menos um tíquete do talão de auxílio alimentação para a campanha. Tocados pela onda de solidariedade as doações, em média, atingiram dois tíquetes por empregado. O valor arrecadado superou as mais otimistas previsões, fato que proporcionou ao comitê criado para aquela finalidade ampliar o alcance para outros públicos carentes, além dos orfanatos e asilos, inicialmente indicados como destinatários dos donativos.

O comitê dividiu-se em duplas para realizar pesquisa de preços dos gêneros a serem adquiridos. A estratégia foi exitosa, pois permitiu a aquisição de tudo que havia sido planejado e ainda outros produtos, como material escolar e brinquedos. Todo esse material foi separado ordenadamente, de acordo com as instituições demandantes: três asilos, quatro orfanatos e um aglomerado populacional. Esse último seria algo como um amontoado de famílias vindas para Brasília tentando melhores condições de vida, e que encontravam apenas frustrações e desilusão. Juntavam-se sob viadutos, árvores, ou ainda às margens

de algumas vias por alguns lugares da cidade. Seus “lares” eram “construídos” à base de papelão e plástico.

Chegado o momento da primeira entrega, os integrantes do comitê estavam elétricos. Mais ainda quando souberam que o evento teria cobertura jornalística de uma grande emissora de TV, para o jornal local. A comitiva se compunha de dois carros de passeio e duas Kombi abarrotadas de gêneros.

As visitas aos asilos e creches transcorreram com muita fluidez, agilidade e foram, acima de tudo, gratificantes. Os velhinhos, na verdade, estavam mais carentes de companhia, de alguém que os escutasse, que conversasse com eles. As crianças, no outro extremo da vida, querendo, na maioria das vezes, denço e colo.

Seguindo adiante chegou a vez das famílias sob um viaduto que liga Taguatinga à Samambaia, duas das cidades satélites de Brasília. Para os que não conhecem o Distrito Federal, assemelham-se a bairros.

A emissora de TV, na verdade, foi cobrir apenas esta parte da entrega de doações. Chegaram bem antes para fazer as imagens daquela comunidade. Registraram as condições do local. Por baixo do viaduto passava um riacho poluído e malcheiroso, por receber despejos de esgotos sem tratamento. Sob os pilares de sustentação do viaduto, como em cavernas, residiam aquelas pessoas. Crianças em grande quantidade brincavam; suficientemente jovens e inocentes, ignorando risco social e o futuro que provavelmente teriam.

O repórter designado para a matéria, bastante conhecido em Brasília, aproximou-se do grupo e perguntou quem era o presidente daquele comitê. Curioso era que não houve designação formal para alguém assumir este papel. Como se combinado, todos os olhares se dirigiram para os membros do comitê

que eram do RH. Em seguida, para apenas um deles. O repórter forneceu algumas informações de como seria a entrevista. A matéria foi concluída e, por volta das 16h daquele dia, cansados, mas com a sensação de missão cumprida voltaram para a empresa, só mesmo para registrar a frequência no relógio de ponto.

Às 19h a matéria foi ao ar e emocionou fortemente os integrantes do comitê, seus familiares e todos os colegas da empresa. Cópia da matéria foi encaminhada à companhia e ilustrou evento promovido pela direção quando o superintendente agradeceu a adesão dos empregados, a promoção do nome da empresa e conclamou que a campanha continuasse.

A segunda entrega de gêneros foi em novembro. Como não era mais novidade, não houve escolta de nenhum órgão da imprensa. O itinerário foi o mesmo. A trabalhadora que precedeu a entrega dos donativos idem. Como também se manteve inalterado o trajeto, bem como as instituições e demais pessoas contempladas da primeira vez.

Na entrega para as famílias sob o viaduto, entretanto, as pessoas do comitê perceberam expectadores a certa distância do local. Concluída a distribuição as viaturas retornaram à empresa, à exceção de uma. O motorista e membro do comitê, desconfiado, retornou ao local, depois de 15 minutos e presenciou algo que chocou, revoltou e decepcionou todos os membros do comitê. Ele assistiu à troca dos gêneros distribuídos por bebidas alcoólicas. Algumas daquelas pessoas que se mantiveram distantes observando a entrega das cestas básicas eram, na verdade, testas de ferro de donos de pequenos mercados próximos à comunidade. Tão logo o pessoal do comitê se afastou os “abutres” se aproximaram dos “chefes” das famílias e não tiveram nenhuma dificuldade em trocar por pinga os alimentos.

No terceiro mês, dezembro, ainda houve uma tentativa de manter aquelas pessoas no rol de beneficiados. Um dia antes o comitê foi ao local e buscou sensibilizar os integrantes daquela comunidade a não trocar os alimentos por bebidas. Até fez uma ameaça: excluí-los caso alguém de lá trocasse alimentos por bebidas alcoólicas. Uma pequena mudança de procedimento: os alimentos foram distribuídos, mas sem as embalagens originais, a granel. Buscava-se dificultar a revenda pelos mercadinhos. Infelizmente, de nada adiantou. Nenhuma dessas ações foi capaz de demover o abuso da boa-fé, a exploração da ingenuidade, da ignorância, da fragilidade, do vício daquelas pessoas por outras mal-intencionadas.

Cabisbaixos, os membros do comitê iniciaram a volta à empresa, depois de mais um dia de trabalho. Refletiam sobre o grau de decadência a que desceu a raça humana.

No caminho as luzes da cidade já estavam acesas. As lojas com seus presépios, árvores brilhantes, faixas contendo promoções, liquidações, ofertas... Em alguns dias chegaria o Natal.

CIDADÃO CONSCIENTE

Evandro Valentim de Melo - Administrador – Brasília/DF

Adamastor é de origem humilde. Família pobre, numerosa, daquelas que moravam em local ermo, distante muitos quilômetros de qualquer coisa. Mesmo assim, apesar dos obstáculos, por exigência dos pais, nenhum dos filhos deixou de freqüentar a escola e cursar até 4ª série primária.

Para se ter uma idéia do rigor da educação e valores transmitidos pelos pais de Adamastor, basta ilustrar que jogar papel no chão e não no cesto de lixo, era considerado crime hediondo.

O destino, sempre ele, mexeu seus pauzinhos e oportunizou àquela família chance de migrar para Brasília. Lá nos anos iniciais dessa quase cinqüentona cidade. O pai à frente, como precursor. Os demais, pouco mais de ano e meio, vieram no vácuo.

Adamastor concluiu o ensino fundamental, atingiu a maioridade, prestou serviço militar e, em seguida, entrou para o serviço público.

Azar ou sorte? Não se sabe, mas Adamastor foi lotado no Departamento Pessoal - DP. O nome Recursos Humanos ainda não chegara por essas bandas. O cargo era auxiliar de administração. Nosso personagem foi apresentado às rotinas e tomou gosto pela coisa. Com o tempo, seguindo conselhos dos mais experientes, voltou à escola e concluiu o ensino médio. A carreira recebeu um *up grade*, decorrência do diploma de segundo grau. A complexidade das atribuições cresceu na mesma proporção.

Um salto no tempo e Adamastor dominava os processos de trabalho. No entanto, o que mais o atraía eram as lides trabalhistas. Quando qualquer processo administrativo chegava ao DP cujo objeto era demanda da área jurídica, ele se

oferecia para ler aquele calhamaço de papéis e se inteirar a fundo da contenda. Debruçava-se sobre a CLT e instruía a matéria. O produto desse esforço prazeroso subsidiava de forma muito rica os procedimentos seqüenciais a cargo da área jurídica.

Como não podia deixar de ser, Adamastor foi seduzido pelo Direito. A entrada na faculdade, entretanto, foi adiada até que ele pudesse custear o curso de seus sonhos. As leituras de temas jurídicos eram lazer para ele. A identificação era tanta, que até mudou o jeito de falar. Incluía jargões lidos nas inúmeras petições e os inevitáveis vocábulos e expressões em latim.

Conservando a humildade e a camaradagem que lhe eram peculiares, Adamastor se ofereceu, vejam só, para comprar o vale transporte da empresa, em razão do empregado responsável por essa atribuição se encontrar adoentado. Adamastor, a essa altura da vida, já era um quarentão. Pois lá foi ele. Chegou ao posto de venda e começou a se arrepender. A fila era uma serpente gigantesca. À época vendia-se no mesmo posto tanto o vale transporte, quanto o passe estudantil. Fazer o quê? Na chuva é para se molhar. Pacientemente aguardou a diminuição da fila. Quando faltavam cinco pessoas para ser atendido Adamastor percebeu a aproximação de um adolescente de bicicleta. Sem a menor cerimônia essa criatura pôs a mão no bolso, retirou a cartela da escola atestando sua freqüência, algum dinheiro e entregou tudo para uma menina conhecida prestes a ser atendida. O coração de Adamastor acelerou. Os adolescentes conversam isentos de qualquer embaraço.

Adamastor perguntou à pessoa que está entre ele e o casal de adolescentes se ela iria permitir que o jovem recém-chegado furasse a fila. Obteve como resposta um erguer de ombros de indiferença. Na seqüência Adamastor saiu

do lugar em que se encontrava e ultrapassou a pessoa à sua frente e o casal de adolescentes. O furador da fila perguntou:

- Qual é tio?

- Não sou seu tio!

- Por que passou na frente?

- Engraçado, gostaria de perguntar a mesma coisa a você?

- Ih... Fica frio, tio.

- Fica frio coisa nenhuma! Acha que vou permitir que você chegue e fure a fila desrespeitando todos nós que estamos aqui há quase duas horas?

- Relaxa tio.

- Seus pais não lhe deram educação?

- Vai engrossar?

Nesse momento Adamastor, no auge da indignação, à beira de um colapso, retira o cinto que tem à cintura, dobra-o e o mostra ao adolescente dizendo:

- Se você não der o fora daqui agora e não for lá para o rabo da fila eu vou mostrar o que seus pais deveriam ter feito para te educar. E vocês – diz Adamastor para o restante da fila – deveriam ter vergonha. Com é que ficam impassíveis diante de uma afronta dessa?

Ato contínuo, o jovem pede à amiga que lhe devolva seus papéis, monta a bicicleta e põe-se em movimento. As pessoas da fila aplaudem Adamastor e vão o jovem, que ergue o dedo médio, aquele maior de todos, e parte.

Adamastor chega ao guichê, cumpre a missão que se auto-incumbiu e retorna com a alma lavada para o trabalho. Certamente imagina seu futuro diante

de jurados e juiz, argumentando seus *ex tuncs*, *ex nuncs*, *iuris tantun*, e coisas do gênero para inocentar ou acusar algum réu.

Adentra ao DP assobiando o Hino Nacional brasileiro, empunhando a espada justiceira e vestindo a armadura de cidadania...

EXAME MÉDICO PERIÓDICO

Evandro Valentim de Melo – Administrador – Brasília/DF

A empresa zelava pela prevenção e promoção da saúde dos empregados. O exame médico periódico era a menina dos olhos da equipe da Qualidade de Vida, um dos braços do RH. É quase certo, que o total apoio institucional a esse trabalho decorra de, por meio dele, ter sido possível diagnosticar, ainda em fases iniciais, em pessoas que ocupavam posições estratégicas na hierarquia da organização, cânceres de mama e de próstata.

Ambas as pessoas sofreram, como é comum nesses casos, afastaram-se durante algum tempo para tratamento, mas, no caso deles, pelo diagnóstico precoce, o mal foi extirpado.

Voltaram ao trabalho renascidos e aproveitando cada minuto da vida muito mais intensamente do que antes. Quem viveu esse drama, ou conviveu com pessoas que passaram por experiência similar sabe avaliar o que isso significa.

Pois bem, anualmente todos os empregados passavam por uma bateria de exames e posterior consulta com o médico do trabalho.

Domingas era uma dessas mulheres que não se descuidava. Era sempre a primeira a concluir os procedimentos no exame médico. Se por um lado era precisa em seus cuidados com a saúde, por outro era rotulada de mesquinha, mão-de-vaca, unha-de-fome, pão-dura, sovina, pelos colegas de trabalho.

Controlada ao extremo, nada desperdiçava. Veio do interior da Bahia para Brasília aos 15 anos, a convite da irmã mais velha, que já morava na cidade. A exemplo da irmã começou a trabalhar como empregada doméstica. Estudou com afinco até concluir o ensino fundamental. Ficou nesta condição até os 18.

Por ser uma cidade eminentemente administrativa, Brasília sempre ofereceu muitas oportunidades de emprego na área pública. Num desses concursos Domingas se inscreveu e, graças ao empenho na escola conseguiu ser aprovada. Passados menos de três meses da divulgação do resultado, foi chamada para assumir o cargo: auxiliar administrativo.

Encantara-se com aquele novo mundo. Tratavam-na com muito respeito. Seu salário superou em muito aquele que até então recebia como doméstica. Além

de tudo, contaria com planos de saúde e odontológico e muitas outras facilidades que a associação dos empregados oferecia, a exemplo de convênios com salões de beleza, butikues etc. que em pouco tempo fizeram-na mudar radicalmente a imagem.

Não se acomodou. Seguiu a vida estudantil. Concluiu o ensino médio. Em seguida, o curso técnico de secretariado.

De patinho feio transformou-se num belo cisne. Ainda assim não conseguia esquecer a dureza de infância. Só mesmo disciplina e muita, muita determinação ajudaram-na a não sucumbir, como algumas de suas amigas que foram para Salvador viver sob os “cuidados” de cafetões.

Quase 10 anos depois da admissão, Domingas ocupava a função de secretária em um dos departamentos estratégicos da empresa. Era feliz.

Uma vez mais chegou a época do exame médico periódico e o laboratório encaminhou as comandas com a relação dos exames que os funcionários deveriam fazer. Um pequeno senão: os exames das comandas foram assinalados à mão, ao contrário dos anos anteriores, em que eram feitos automaticamente, por um determinado programa de computador. “Um pequeno problema que em nada interferirá nos exames”, garantia o pessoal do laboratório.

Como sempre fazia, Domingas foi ao RH receber sua comanda para se submeter aos procedimentos do periódico. Leu-a e notou uma pequena diferença em relação às comandas dos anos anteriores. Havia sido assinalado o exame de fezes na modalidade MIF, em que se coletam amostras durante três dias para um diagnóstico mais preciso em relação ao que se deseja averiguar. “Acho que estou envelhecendo” – pensou Domingas.

Não se conhece pessoa que realize este exame confortavelmente. É desagradável, asqueroso, enfim, terrível sob todos os aspectos. Mas era uma questão de manutenção de *status* para Domingas. Coletaria as amostras e mais uma vez seria a primeira a concluir o periódico.

O laboratório agendou a quinta-feira para receber os materiais: fezes e urina e coletar sangue. Na manhã desse dia uma pequena fila se formara no andar e

as pessoas, em jejum e um tanto sem graça portavam, cada uma, um pequeno pacote com os coletores. É que ninguém fica à vontade segurando “essas coisas”.

Domingas estava lá, em primeiro lugar na fila Firme e forte. Entregou tudo, coletou a amostra de sangue e foi para o desjejum.

Conversa vai, conversa vem, descobriu ter sido a única a fazer o tal do MIF.

Logo que foi para a sua mesa de trabalho, telefonou ao laboratório e questionou o porquê desse exame.

Recebeu como resposta que havia sido um engano da atendente que preencheu a comanda, mas que não haveria qualquer problema. O resultado seria até mais preciso.

Domingas não gostou nada dessa conversa. Quando seu chefe chegou, pediu licença para se ausentar dizendo ter um problema para resolver. O chefe, conhecedor da dedicação de Domingas, não hesitou em liberá-la. Esses pedidos vindos dela eram muito raros.

Domingas entrou em seu automóvel, luxo conquistado depois de muita economia, e foi ao laboratório. Chegou lá, pediu para falar com o responsável. Relatou o fato e exigiu a devolução do material de seu exame.

O bioquímico estranhou e pediu que ela confirmasse o que ouviu.

- Isso mesmo! Quero a amostra que entreguei! Meu exame deve ser igual ao de todo mundo.

Perplexo, o bioquímico acionou o pessoal da retaguarda e, em pouco tempo, Domingas recebia um pequeno pacote com o coletor e seu conteúdo intactos.

- Amanhã trago pessoalmente outra amostra, disse Domingas. Esta aqui é minha.

Não se sabe de que forma este episódio caiu em domínio público. Fato que a partir de então, reforçou a imagem de sovina associada à Domingas. Comentava-se que ela não desperdiçava nem mesmo cocô. E cá pra nós, há um fundo de verdade.

MÃE É TUDO IGUAL, SÓ MUDA O CPF

Hervécia Fernanda Fidélis de Oliveira - Pedagoga – Brasília/DF

Surto de febre amarela espalhava-se pela região Centro-Oeste. O Governo Federal mobilizava-se em ações de combate e prevenção à doença. Campanhas intensivas clamavam comparecimento da população aos postos de vacinação, que temerosa, atendia sem pestanejar.

Em Brasília o quadro era o mesmo. Filas enormes durante todo o dia. Os profissionais da saúde garantiam que as pessoas vacinadas há menos de dez anos estavam protegidas, não havendo necessidade de repetir o cuidado.

Por meio de sucessivas entrevistas, durante toda a programação das emissoras de TV, estações de rádio, bem como nas portas dos postos de atendimento, o Secretário de Saúde, os auxiliares de enfermagem, e até mesmo os vigilantes pediam calma à população, pois não faltariam vacinas para atendimento a todos.

Na gerência de recursos humanos daquela empresa pública o assunto febre amarela e vacinação figurava diariamente na pauta de conversas.

- Ontem, bem cedinho fui ao posto perto da minha casa e consegui me vacinar. Também acordei às 5 da manhã.

- “Tá” uma loucura! É que pessoas das cidades próximas a Brasília têm vindo para cá se vacinar. No lugar deles eu faria o mesmo. Esta doença não é brincadeira não.

- Eu me vacinei há cinco anos. Felizmente não vou precisar.

- Eu e duas irmãs tomamos a vacina há oito anos. Mas minha mãe nos ordenou que nos vacinásemos de novo para garantir, afirmou cheia de razão, Maristela, a estagiária da gerência.

Os três colegas, em uníssono, condenaram a atitude.

- É por isso que a estimativa de doses de vacina feita pelo governo foi superada. Pessoas que não precisariam se vacinar estão se vacinando desnecessariamente!
- Que coisa feia, Maristela!
- Os gastos públicos ficam cada vez maiores. Se todos agissem assim, já imaginou quanto mais de dinheiro seria necessário?
- E os especialistas alertaram que podem ocorrer problemas com pessoas que tomam vacina em doses maiores do que o organismo pode suportar. Ouvi ontem, que uma pessoa morreu por fazer isso.

Maristela, que mal completara 23 primaveras, inexperiente e cercada de “coroas” com mais de 40 anos de idade, encheu os olhos d’água pela reprimenda. Tentou justificar o injustificável e, claro, não conseguiu. Para sorte dela, esse diálogo aconteceu muito próximo do término do expediente e o gongo soou, exatamente às 18h, poupando a estagiária dos sermões sobre cidadania que começavam a ser pronunciados.

Na tarde do dia seguinte Maristela, que estagiava apenas no turno vespertino, chegou ansiosa à sala, com uma resposta na ponta da língua para dizer aos colegas. Mal desejou “boa-tarde pessoal” e foi logo declarando:

- Saí daqui ontem arrasada, sentindo-me a última das mulheres! Tanto que ao chegar a minha casa, todos notaram. Contei o sobre nossa conversa, que quase fui linchada por vocês, que vocês me fizeram um sermão...
- Deixa disso, Maristela. Apenas comentamos que aquele tipo de atitude não é uma atitude cidadã. E não é mesmo, você não acha?
- Eu até poderia concordar, mas sabe o que minha mãe disse?
- Não.
- Ela pediu que eu dissesse a vocês, simplesmente, que ela é mãe.

MARQUINHOS

Emerson Aguiar Pontes – Administrador – Niterói/RJ

Todo final de ano vem a tão esperada confraternização dos funcionários para se comemorar mais um ano que passou. E como sempre, em toda festa, existe um personagem do passado que será o motivo das risadas e um(a) ou outro(a) sempre “quietinho(a)”, que revelará seu lado oculto.

Não foi diferente aonde eu trabalho. Marquinhos, rapaz de 26 anos, magro, boa aparência, casado, acabara de ser pai. Era assessor da diretoria e controlava todas as passagens aéreas e hospedagens no mundo. Simpático, sempre sorridente, não bebia, não fumava e era evangélico. Sempre louvando a Deus por todas as suas conquistas (**deixo claro que não tenho nenhum preconceito contra nenhuma religião**). Uma característica de Marquinhos era estar sempre ao telefone e constantemente sair por último da empresa. Alegava ser em decorrência da quantidade de serviços.

Entretanto, numa dessas comemorações natalinas Marquinhos chegou um pouco alterado, com hálito de quem ingeriu bebida alcoólica e, acreditem, dançando *funk*. Surpresas à parte continuamos nossa confraternização e mais um fato inusitado aconteceu, Marquinhos e Bernadete numa “rebolação e roçação” insinuando cenas sensuais na dança do Créu. Bernadete, mais conhecida como Dete, era a auxiliar de serviços gerais, tinha por volta de 1,60 de altura e pesava uns 50 quilos. Imagine a cena dessas duas figuras dançando Créu e, de repente, eles atacadados se beijando.

Passado o ano novo, vida nova pelo menos para Marquinhos porque as surpresas não pararam por aí. Segundo a “rádio peão”, estourou uma notícia-bomba sobre o nosso colega. Um anúncio no jornal na parte de garotos de

programa escrito “Marquinhos Gogo Boy enlouquece você num mega ambiente empresarial, garoto sarado e bem dotado que levará você no topo da organização com festinha particular na sala da presidência – atendo somente executivos”. A grande surpresa foi o telefone do anúncio que era o mesmo da empresa. Ou seja, a hora extra dele era levar fantasias a executivos depois do expediente e ganhar uma grana a mais no final do mês.

Por fim, a maior surpresa ainda estava por vir. Numa investigação administrativa sobre Marquinhos ao achar os cadernos da contabilidade dele, adivinhe quem era a cliente VIP. Créu, Créu, Créuuu, Créuuu, Créuuu, velocidade cinco!

MEA CULPA?

Sara Almeida Campos – Administradora - Brasília/DF

Suzana gerenciava o Setor de Pessoal de uma estatal, que naquele momento revisava seus processos de trabalho.

O processo em questão era o cadastramento de dependentes para utilização da rede credenciada para ajuda médica.

Após exaustivos meses de análise de documentação, pareceres, inclusões, exclusões de dependentes e/ou ascendentes, além dos desgastes emocionais, Suzana se deparou com a situação descrita a seguir.

Chegando à empresa para mais uma jornada de trabalho, depois de enfrentar trânsito pesado para deixar os filhos na escola, foi abordada por um colega, que disse:

- Gostaria de agendar horário para agradecer-lhe.
- Não há necessidade de agendar, estou à disposição.

No decorrer desse dia o colega chegou ao balcão de atendimento do Setor de Pessoal e, falou, em voz excessivamente alta, para que todos ouvissem:

- Suzana vim agradecer-lhe por seu empenho no processo de inclusão de minha mãe para a ajuda médica.

Suzana não entendeu e não se lembrava especificamente da situação desse colega, mas respondeu-lhe que não havia o que agradecer, pois não dependia dela a inclusão, e sim de atendimento às exigências normativas.

O colega insistiu:

- Quero agradecer sim, pois a minha mãe morreu e não foi aceita pela empresa como minha dependente.

Imaginem o constrangimento. Entretanto, por mais que tenha doído ouvir aquelas palavras Suzana pensava em reparar a impressão e a amargura que ficaram naquele colega, transtornado a tal ponto de agir como agiu. Não foi possível.

Anos depois, já fora daquela empresa, Suzana soube por uma amiga, que aquele colega havia se arrependido muito daquele episódio. Foi um bálsamo para Suzana ouvir, da amiga, a reprodução do que ele disse:

- Gostaria de reencontrar a Suzana e pedir-lhe desculpas. Fui injusto com ela em um momento difícil de minha vida. Atribuí a ela a responsabilidade pela morte de minha mãe... E ela não merecia isso.

O INFALÍVEL E O INACREDITÁVEL

Profissional de RH atua também fora das empresas
Armando Pastore Mendes Ribeiro – Matemático – Curitiba/PR

Conheci Dinho nos primeiros no primário. Não sabia por que o chamavam de Dinho. O nome era João. Ficamos amigos. Descendia de portugueses e sua avó chamava-o de infante. Adorava provocá-lo chamando-o de Infante Dinho. Fazia-o quando queria irritá-lo. Estudamos juntos até o último ano do segundo grau.

Acostumei-me a ouvi-lo dizer a palavra infalível. Sempre tinha algo que conhecia ou fazia que era infalível. Desde uma brincadeira nos campinhos de futebol até coisas sérias, como aquele método de estudar que era infalível para tirar nota dez. Não conheço pessoalmente o criador do personagem Cebolinha – Maurício de Souza -, mas ele deveria conhecer o Dinho. Os planos infalíveis do Cebolinha seriam multiplicados por mil.

Enquanto éramos crianças nunca me preocupei com seus planos. Ao chegarmos à adolescência, entretanto, comecei prestar mais atenção aos infalíveis métodos de conquistar garotas. Ele olhava para a menina, pensava um pouco e partia para a ação. Invariavelmente era uma nova conquista. Andava todo orgulhoso de seu método, mas não contava a ninguém como funcionava. Certa vez, depois de tanta insistência, resolveu abrir o jogo comigo. O método de conquista era tão complicado, com tantas variáveis, que pedi para ele parar antes de chegar à metade da explicação. Preferi continuar com meu jeito mesmo.

No início do segundo semestre daquele ano entrou na nossa classe uma nova aluna. Aos nossos olhos de adolescentes, um anjo que apareceu na terra e justamente na nossa frente. Morena, cabelos lisos, sedosas; corpo escultural;

delicada; rosto de anjo; educada. Resumindo: qualquer um, à época, juraria estar apaixonado. Dinho ficou sincera e perdidamente apaixonado por ela.

Segundo seu método infalível, Dinho teria que observar muito bem cada coisa que ela fazia, como falava, olhava etc. Preparou-se para entrar em ação num dos bailes realizados aos sábados à noite e... não funcionou. Inacreditável, não funcionou! Dinho pela primeira vez tinha sido derrotado. A deusa estava interessada em outro. Dinho saiu antes do fim do baile. Quase reprovou. Andava só pelos cantos do colégio. Não falava com seus amigos.

Passamos de ano, cada um escolheu seu curso superior. Perdemos contato. Dinho sumiu. Ninguém mais o viu ou. Mudou de casa e não deixou endereço.

Dez anos depois no centro da cidade o encontrei. Reconhecemo-nos imediatamente. Uma grande alegria para ambos. Tínhamos uma década de coisas por contar. Formou-se em advocacia e agora não era mais Dinho, era o Dr. João Martins. Só eu, sua esposa e os familiares ainda chamavam-no Dinho. Naquele dia marcamos outro encontro para conversarmos. Eu precisava voltar ao trabalho. Ele iria ao Fórum apresentar defesa para um caso que era – palavras dele – infalível.

Semanas depois o reencontrei no restaurante. Estava diferente, barba por fazer, roupas desalinhadas, como se atropelado por uma manada de elefantes. Perguntei-lhe o que tinha acontecido e ele relatou que tinha perdido uma causa muito importante para o escritório no qual trabalhava. Pensei comigo – será que seu plano infalível não deu certo ? Acertei na mosca.

E não era só. Seu casamento estava no fim. Vivia em constante conflito com a esposa. Investiu as economias do casal na bolsa de valores em ações que

prometiam mundos e ao final ficou sem os fundos. Tinha um casal de filhos estudando num colégio caríssimo e com seu salário era impossível pagar as mensalidades. Era tanta desgraça junta que passamos metade daquela tarde conversando sobre possíveis saídas para a crise que atravessava. Tornei-me seu conselheiro financeiro e sentimental. Conheci sua esposa, a quem ele e toda a família chamavam de Dinha. Formavam um belo casal, mas eram só aparências.

Os planos infalíveis chegaram todos ao fim. A primeira coisa que fiz foi proibi-lo de falar a palavra infalível. Dinha dizia ser inacreditável quantos planos de ascensão e glória ele havia feito no curto tempo que viviam juntos. Muitos deles deram certo. Um chamava a atenção. Para os nossos padrões de classe média baixa – vivia num belo apartamento de quatro dormitórios, com 300 m², numa das regiões mais valorizadas da cidade. Mas não podia sustentar tanto luxo com seu salário de advogado.

Surpreendiam-me suas histórias. Os anos que passou estudando, as amizades que fez. Foi um aluno brilhante. Dos melhores da faculdade de direito. Os professores recomendavam-no aos melhores estágios. Quando se graduou passou com nota máxima no exame da OAB e foi disputado pelos melhores escritórios de advocacia da cidade. Não entendia como um sujeito tão brilhante chegara, em tão pouco tempo, ao fundo do poço.

Reatamos a amizade. Os encontros eram regulares e eu o ajudava sempre que podia. Acho que fui responsável por muitas dicas e conselhos que o fizeram refletir sobre outro modo de vida.

Dinho tinha tudo para ser famoso, rico e admirado, mas não era nada disso. Qual o segredo de tanta coisa ruim em sua vida?

Naqueles dias com ele novamente voltei a me imaginar um grande detetive. Sempre gostei de histórias do Conan Doyle, Sherlock Holmes e de Poirot. Estava diante de um caso para resolver e tirar o meu amigo de uma grande enrascada. Coloquei os sentidos e intuição a postos e iniciei as investigações.

Conversar com sua família. Pais e avó ainda vivos foram contando detalhes da vida do garoto, do adolescente e do homem. Seus sonhos de ser senhor do universo. Nada de anormal aos meus olhos de leigo aparecia. Quem não sonhou em ser dono de fortunas e castelos? Quem não sonhou em ser astronauta ? Queria ser eu ao invés de Gagarin no espaço.

A família o incentivava. Depositavam nele, esperanças de ser mais do que um simples agricultor, dono de botequim, ou vendedor ambulante, como seus antepassados. Haveria de ser “Doutor”.

A grande pista foi a origem do apelido Dinho. Ninguém lembrava bem como surgiu. João admite o diminutivo Joãozinho, logo, Zinho. A avó com quase cem anos lembrou, que quando ele dava os primeiros passos, depois dos inevitáveis tombos, todos o acudiam com a palavra coitadinho. Foram muitos tombos e erros, pois de coitadinho, passou a ser Dinho.

Na adolescência era cobrado pelos pais a ser sempre o melhor, o mais inteligente, com melhores notas, a namorar as mais bonitas Quando não atingia os resultados, aparecia a frase destruidora: coitadinho do Dinho.

Marcou a vida inteira esta obsessão pela vitória. Os planos infalíveis sempre existiram para que ninguém dissesse a ele “coitadinho”. Devia ser sempre o vencedor. Escolhera a profissão de advogado sob forte influência de um primo de sua mãe. O sujeito chegava sempre antes do Natal para visitar a família, num carro

do ano, distribuía bugigangas compradas em Paris ou Buenos Aires. Era admirado. Não era um coitadinho.

Decidiu um dia ser o herói da família.

Fracasso após fracasso, Dinho , ou melhor João, foi acabando com sua auto-estima. Lembrava ainda do dia em que não conseguiu conquistar a grande paixão da sua vida – a deusa do colégio.

Procurava nas mulheres com que se relacionou, as características físicas dela. Certa vez a descreveu com tanta precisão, que eu consegui vê-la em minha frente. Nesse dia chorou como criança. Lembrava cada fato ou ocasião onde sua deusa estava envolvida. De outras situações pouco lembrava. Foram anos de sofrimento. João passou por uma grande limpeza. Abriu coração e mente e expurgou os infernos que guardara.

Terminou o casamento, aliás, Solange. Na separação não houve brigas. Ficou uma grande amizade. Solange, mãe de seus filhos passou a apoiá-lo tornando-se minha aliada.

Lembrou que sonhara, quando criança, ser um grande construtor. Vez em quando ainda pensava como seria bom ver uma casa construída tijolo após tijolo. Largou a advocacia e cursou engenharia.

Não se preocupou em ser brilhante. Queria apenas ser feliz no que fazia. Estudava por gosto, não por obrigação. As notas baixas não indicavam fracasso, mas sinal que tinha de aprender mais.

Dez anos depois comemoramos o final da construção de um prédio de três andares que ele mesmo projetara, no subúrbio da cidade. Foi uma das festas mais animadas que participei.

Os filhos orgulharam-se de ver o pai tão feliz e admirado pelos que o cercavam. Sem planos infalíveis, fazia coisas inacreditáveis.

A Deusa do colégio? Ele reencontrou num dia de chuva num Shopping. Conversaram. Ela ainda solteira. Marília não tivera sorte com seus relacionamentos e encontrou João na hora certa. Dois anos depois casaram-se.

João é um engenheiro com alguma fama. Admirado pela sinceridade e capacidade de desenvolver projetos especiais. Voltou a praticar esportes. Trinta anos se passaram desde aquele baile no último ano do segundo grau.

Visitei-o outro dia para contar algumas idéias da reforma que pretendo fazer na minha casa. Queria ouvir seus conselhos. Tinha muitas dúvidas sobre como realizá-la. Algumas cervejas depois ele, com um ar solene, tinha desenvolvido um método para reforma de residências que era infalível. Eu, minha esposa e Marília ficamos paralisados. Ele riu e abraçou-me com força. Meu amigo é inacreditável.

O MENINO JOHN KENEDDY DA SILVA

Armando Pastore Mendes Ribeiro – Matemático – Curitiba/PR

A nossa história aconteceu lá nos idos dos anos 80, em uma das grandes multinacionais americanas no Brasil. Eu trabalhava no Marketing e meu amigo no RH.

A Diretoria precisava de um novo *Controller* e o Gerente de RH foi incumbido de selecionar nada menos do que o melhor profissional. Salário, segundo o Diretor Financeiro, um cubano sempre mal humorado, não era problema, a situação naquela área estava crítica.

Meu amigo começou a divulgação da vaga nas principais empresas de seleção de pessoal e através de anúncios de jornal. Algumas exigências para a época limitavam realmente a quantidade de candidatos: formação em escola de primeira linha, fluência no inglês, cursos de extensão na área financeira e muita experiência.

John Keneddy da Silva (errado assim), paulista de 32 anos, formado pela FGV, com vários anos de experiência em empresas multinacionais, fluente em inglês, pois morou vários anos nos EUA era o melhor candidato. O seu nome era uma homenagem que seu pai fez ao ilustre presidente dos EUA. Seus irmãos, igualmente, tiveram nomes em homenagem a Jango, Yuri Gagarin, Golda Meir, Maria Esther Bueno, todos da Silva.

Realizados todos os testes e formalidades chega o dia da apresentação de John ao Diretor Financeiro. John e meu amigo entram na sala de recepção da Diretoria. Quase trombam com o Diretor, que naquele dia estava mais mal humorado do que costumava. Ele havia acabado de chegar de uma viagem à sede da empresa

nos EUA, estava cansado, estressado e antes que a secretária anunciasse o novo contratado – olhou para John e falou: O que faz aqui? O que deseja?

John educadamente sem levantar a voz disse-lhe que era o novo funcionário e que estava ali para apresentar-se. O Diretor com aquela cara de: “não gostei de você”. Emendou com uma frase rápida: Está apresentado, agora aproveite “menino” e vá até a copa e traga-me um café sem açúcar, e afastou-se em direção à sala. A secretária, meu amigo e John ainda tentaram falar algo, mas o Diretor bateu a porta e grunhiu que não queria ser interrompido.

Meu amigo não teve tempo de falar qualquer coisa, a secretária continuou com aquele olhar de espanto e de resignação. John decepcionado.

Foi o trabalho mais curto de John. Entrou na empresa às 9 horas e pediu demissão às 9h45min.

John Kennedy da Silva era negro.

PAULO MENTIRA

Alexandre Tadeu Ferreira -Administrador e Mestre em RH - Pimenta Bueno/RO –
Barcelona/ES.

Trabalhar no RH permite que conheçamos muitas histórias. Esta é a de Paulo, rapaz de 22 anos, com escolaridade suficiente para exercer funções de certa responsabilidade na empresa. Bem humorado, responsável, tudo que faz “resulta melhor” que os demais. Pensa ser “o cara”. Com o passar do tempo, Paulo foi apelidado pelos colegas de “Paulo Mentira”. Até então eu desconhecia o porquê. Não tinha tanto contato com ele, mas sempre ouvia colegas mencionando seu nome e rindo. Ao aproximar-me dessa “grande figura” percebi o quanto era hilário.

Paulo era de origem simples. Seus pais eram pequenos produtores rurais muito humildes. Por haver sido criado no campo ele mantinha em seu vocabulário algumas palavras oriundas não sei de onde. Tudo bem, quem não incorporou uma ou outra palavra ensinada pelos avós, ou pessoas mais experientes ao longo dos anos?

Certo dia meu já amigo Paulo comenta de seu primo, um jovem que em suas palavras tinha somente 4% do cérebro, isso mesmo, 4%. Quem sou eu para duvidar? O problema foi acreditar nas habilidades do garoto...

Seu primo, apesar da deficiência, vivia normalmente e era até mais inteligente que os demais jovens de sua idade. Esse mesmo primo foi convidado por Sílvio Santos para tocar em um programa, pois se sobressaía na música. Não aceitou por motivos pessoais. Também havia descoberto um furo no sistema de uma operadora telefônica, em suas palavras, “um pane no sistema”, pane essa detectada em um determinado dia de cada mês. O garoto estava ganhando muito dinheiro com essa fantástica descoberta.

O jovem desprovido de massa cefálica tinha muitas outras habilidades e fez diversas descobertas. Paulo, com toda sua sabedoria, desconfiava que o garoto tivesse câncer; apenas desconfiava. Paulo dizia: “meu primo tem a ciência, cara! Ele tem a ciência!!! A ciência!!!”

Infelizmente por falta de tempo e não estar preparado para a “minha grande descoberta”, não me lembro de todos os detalhes. Mas ao perceber uma fonte inesgotável de “causos” um pouco duvidosos, a partir daí comecei a anotar algumas pérolas e formular um pequeno dicionário do Paulo Mentira. Não por maldade. O fato é que às vezes Paulo se superava no mesmo dia e era impossível lembrar tudo.

Em mais um de seus “causos” - assim que ele dizia literalmente, “causos” - Paulo comentou que estudava um projeto, dele mesmo: um motor com fonte renovável de energia. No super motor de Paulo, assim ficou conhecido, o mais interessante era que não se utilizava nenhum tipo de combustível ou fonte de alimentação, e que essa tecnologia por ele descoberta jamais seria revelada.

Paulo, perspicaz como ninguém, resolveu não patentear seu tão valioso invento, pois “não suportaria o assédio da imprensa”. Impressionava em suas histórias a eloquência e a seriedade de suas palavras.

Em alguns casos tive de fazer esforço sobrenatural para não rir, diante das histórias fabulosas que Paulo nos “presenteava”. Combinamos não fazer comentários desagradáveis ou que colocassem em dúvida as histórias, para que tivéssemos Paulo sempre motivado a contar suas experiências.

Uma que me chamou atenção foi quando ele concluiu algo sobre os homossexuais. Sua prima (aliás, Paulo tinha uma centena de primos!) havia se

casado com um homossexual. Paulo defendia que “os homossexuais têm mais células que as pessoas normais”. Imagine como eu me portava diante de tal situação. Às vezes ia ao banheiro só pra rir sem que ele visse. Isso acontecia em horário de trabalho.

Paulo havia sido proclamado um grande herói. Para todo grande herói, grandes conquistas: as mulheres mais desejadas. Nesse campo Paulo superava todos os outros grandes heróis. Dizia-se galã nato, lindo. Mas, entediava-se. Todas as noites ficava com duas mulheres maravilhosas, já que ele não gostava de qualquer coisa. Um dia perguntei-lhe: Paulo você não cansa? Respondeu: “Claro que sim. Depois de dois meses seguidos, cansa um pouco, aí eu descanso e recomeço”. Virei fã de Paulo. Mas ninguém é perfeito. Certa vez nosso herói confessou que uma mulher o “cantou” por três meses e ele não percebeu.

Outra história: Paulo conhecia uma pessoa que conhecia outra pessoa, que por sua vez, fazia contrabando de diamantes, ação criminosa, inclusive condenada por ele. O fato curioso tinha um aspecto verossímil, se não fosse o desfecho da ação criminosa. O indivíduo chegava a transportar até trinta diamantes na sola do sapato, andava de ônibus para não chamar a atenção. Fiquei pasmo com aquilo. Até pensei, que poderia ser verdade. Então indaguei: Esse cara deve estar muito rico não é mesmo Paulo? Ele disse: “Que nada, ele só transporta.” Movido pela curiosidade fiz outra pergunta: Quanto ele ganhava para fazer o transporte? Paulo respondeu: “R\$ 50,00 por transporte” (cinquenta reais).

Segundo Paulo: “Um carro é um corpo muito pesado, é difícil de parar, essa força se chama *cinéfita*”. Ele também era contra “conferendo” do desarmamento. Paulo tinha opinião formada, e opinava em tudo. Tudo mesmo! Uma prima com uma família enorme tinha um tio que possuía uma carreta e fazia

transportes em rodovias por todo o Brasil. Esse tio, um senhor muito inteligente, segundo ele, claro, ficava sentado só observando a localização de sua carreta através do sistema de “extratos do satélite”. Perguntado se não seria um GPS, ele respondeu “acho que é um tal de GPC mesmo”.

Ultimamente com o despreparo do governo e as condições climáticas e físicas propícias, temos presenciado inúmeros casos de dengue em nosso país. Paulo considera fatal a dengue “homonológica”. Tantas gafes e histórias estranhas não interferiam na sua imagem de boa pessoa, bom colega de trabalho. Tem um grande coração, se sensibiliza com os demais ou com fatos que marcaram a História. Exemplo: ele odeia os “narcizistas”, pois mataram muita gente inocente.

São tantas as histórias espetaculares desse “personagem”, que certamente daria alguns capítulos, fora o dicionário de Paulo. Tive o prazer, ou não, de ter presenciado todas essas e muitas outras. Vocês devem estar se perguntando como pode Paulo Mentira trabalhar nessa empresa? Muito simples, mas isso ele não conta pra ninguém, descobrimos que ele é primo de um primo dos proprietários da empresa.

PREMONIÇÕES

Sara Almeida Campos – Administradora - Brasília/DF

À noite, depois de uma semana de muito trabalho - relatórios, reuniões, viagens, entrou em casa e desabafou com o cônjuge:

- Sinto que uma grande mudança vai ocorrer em minha vida!

Ele, preocupado, pois também trabalhava na mesma empresa e estava de licença médica há três meses, quis detalhes. Mas eram sensações e intuições femininas, não tinha como sustentar o que pensava. Assim passaram aquele final de semana.

Na segunda-feira, em seu posto de trabalho percebeu a chegada de alguém. Ergueu a cabeça e para sua surpresa, tinha diante de si “o chefe”, como era chamado por todos.

Apesar dos cumprimentos costumeiros percebeu o semblante de apreensão no rosto dele. Perguntou-lhe se passava bem, ao que respondeu um tímido mais ou menos.

Passaram aquela manhã entre papéis e reuniões com outras áreas, pois eram poucas as vezes que ele vinha à Sede.

Próximo ao término do primeiro expediente pediu que escolhesse um restaurante. Disse, ainda, que aquele almoço não seria estendido a toda equipe, como de costume.

Cada vez mais as impressões se confirmavam mas, ele nada dizia sobre o que se julgava preparada para ouvir.

Num sobressalto, decidido a dizer de uma vez o que viera adiando, ele se preparou para falar-lhe, quando ela o interrompeu:

- Chefe, não precisa se preocupar com o que você tem para me dizer. Minha vida está organizada, dentro e fora da empresa. No íntimo sempre soube que esse dia chegaria. Assumi este papel várias vezes e sei como você está se sentindo. Eu estou bem!

Terminaram o almoço e ao retornarem à empresa, comunicou o fato ao RH, para as providências de praxe.

REQUISITOS DE SELEÇÃO

Juliana Cristina Siqueira Santos – graduanda de Pedagogia – Brasília/DF

Naquela empresa fiz muitos amigos e aprendi bastante com todos. Mas cultivei um carinho todo especial por meu chefe. Via nele um ótimo profissional, que verdadeiramente gostava de trabalhar e se empenhava em tudo que fazia. Era sempre gentil e paciente com todos, além de muito engraçado. No entanto, achava que já era hora de procurar um novo local para estagiar, pois sentia ter aproveitado o que era possível naquela empresa.

Depois de muitas entrevistas, consegui um novo estágio na área de Recursos Humanos. Fiquei muito feliz por ser uma oportunidade que se encaixava naquilo que estava procurando. No entanto, sofria por ter de sair da atual empresa e deixar meus colegas de trabalho. Coração apertado, ainda mais quando pensava em comunicar a novidade para meu chefe, pois sabia que ele não esperava por isso. Adiei a novidade enquanto pude, mas contei a ele. Entristeceu, pediu para que ficasse, mas expliquei que não podia perder essa oportunidade. Ele, conformado, pediu-me ajuda para escolher minha substituta.

Assim que os currículos chegaram, selecionei aqueles que considerei serem os melhores. Restaram apenas dois currículos. Duas jovens da mesma idade e que cursavam administração. Não encontrava nenhuma vantagem de uma em relação à outra. O desempate seria mesmo na entrevista e no teste prático.

No dia da entrevista as duas candidatas chegaram pontualmente. Eu e meu chefe fomos para uma sala com as candidatas para que fosse iniciada a entrevista. As duas jovens demonstraram ser eficientes e com detentoras de bons conhecimentos na área. Ambas saíram-se bem no teste prático. Preferi uma que se enquadrava melhor ao perfil. Vestia trajes apropriados à cultura da empresa e

somava características que me agradaram. Acreditava que meu chefe partilhava comigo essa preferência.

Terminada a entrevista, eu e meu chefe fomos conversar para definir a escolha. Falei das minhas impressões e meu chefe concordou em tudo comigo. No entanto, para a minha surpresa ele falou que achava melhor que a outra jovem fosse a contratada. Fiquei surpresa, se ele acreditava que a minha preferida era a mais competente, por que então queria contratar a que visivelmente era menos competente? Perguntei isso a ele. E ele meio sem graça começou a fazer alguns gestos com a mão, tentando me explicar algo que não conseguia entender. Percebendo que eu não entendia, ele disse sem meias palavras que a minha escolhida era “cheinha” demais.

Meu espanto cresceu, fiquei sem palavras, nunca pensei que escutaria isso de alguém que tanto admirava. Ainda mais de um chefe de Recursos Humanos. Em pensamento questioneei se o motivo de ter sido selecionada para o cargo de estagiária era o mesmo que fazia da candidata magrinha a mais competente. Mas prefiro acreditar que não.

Passada a perplexidade inicial defendi a minha preferida com “unhas e dentes”, não podia aceitar aquele absurdo.

Felizmente prevaleceu o bom senso. Meu chefe, agora ex-chefe, foi convencido de que o critério de maior peso para eliminar uma das candidatas àquela vaga não deveria ser quem tivesse maior massa corporal. Desculpem o gracejo.

TRÊS AMIGOS

Evandro Valentim de Melo – Administrador – Brasília/DF

Este é um fragmento da história de três amigos, cuja amizade iniciou na área de recursos humanos, de uma mesma instituição pública. O local é um dos edifícios na Esplanada dos Ministérios, talvez o cartão postal mais conhecido de Brasília.

Opções acadêmicas levaram-nos a se afastar. As graduações de nível superior escolhidas foram: Direito, Educação Física e Administração.

O administrador caminhou bastante. Sua Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS contém oito registros diferentes, dois deles fora de sua cidade natal. Tem ainda, fora da CTPS um período de quatro anos como micro-empresário. Atualmente labora em uma empresa pública do Governo do Distrito Federal. Esta página da CTPS, por enquanto tem data apenas de admissão.

O “atleta”, apesar de melhor preparado fisicamente, foi aquele que percorreu a menor quilometragem. Ao folhear sua CTPS verifica-se três contratos de trabalho. O quarto e atual vínculo não está na CTPS. Sua relação empregatícia é regulada pela Lei nº 8112, em um órgão do Poder Judiciário, no Distrito Federal, onde sempre residiu. Não utiliza mais a CTPS. Guarda-a para lembrar seu passado.

O “doutor”, que atuou apenas dois anos como advogado, possui só uma página da CTPS preenchida. Justamente aquela em que trabalhou com os dois amigos. Atualmente usa toga e atua como magistrado em um tribunal numa unidade federativa próxima ao Distrito Federal. Por exigência do cargo, no início da carreira de juiz morou alguns anos bem longe de Brasília, período chamado por ele de exílio.

Mais de vinte anos se passaram desde a última vez que estiveram juntos, quando tinham idade aproximada de 22 ou 23 anos.

Uma conspiração cósmica, combinando acasos e forças ocultas, permitiu que, em uma mesma semana, o atleta encontrasse o doutor e, dias depois, o administrador. A ocasião, claro, não poderia ser desprestigiada. Servindo de elo, o atleta agendou um jantar aonde iriam apenas os três, sem as respectivas famílias. Sim, pois os três se casaram e têm filhos. “Se precisar de um memorando pedindo autorização às ‘patroas’, basta me dizer que eu encaminho” – disse o atleta.

Não foi preciso. Ao administrador coube escolher o local. Não poderia ser um qualquer. Para aqueles que acreditam na inexistência de esquinas em Brasília, lamenta-se informar, que se trata de lenda. Existem. E muitas. Em uma delas, situa-se o restaurante que os reuniu naquela noite.

Dos três, o único abstêmio é o administrador. Porém, dada a “lei seca” que impera há algum tempo, a picanha argentina e seus igualmente deliciosos acompanhamentos foram acompanhados de sucos naturais.

A noite transcorreu com muita conversa. Falou-se de tudo: mulheres, futebol, família, piadas, passado, presente, futuro, Brasil, trabalho, amigos comuns que não estavam ali...

Os três amigos cultivavam desde à época em que trabalhavam juntos o respeito à coisa pública. Apesar de a mídia quase sempre mostrar matérias que denigrem tanto o serviço público como os servidores públicos, há entre eles, muitos que honram a categoria, respeitam a sociedade e se orgulham disso. Claro que há, como em qualquer categoria profissional, aqueles que optam por caminhos tortuosos, e cometem crimes de todas as estaturas. Há também, os acomodados que se acham intocáveis e que convivem com gestores que estão de passagem,

indicados graças a conchavos político-partidários e que “não estão nem aí para a Hora do Brasil”. Infelizmente, ainda não foi encontrada a forma de evitar que essas indicações aconteçam, até mesmo por contarem com o apoio da Constituição Federal (as indicações, não a acomodação e o descaso). Mas os três personagens dessa história permaneceram fiéis e merecedores de se dizer servidores públicos.

Depois de quase quatro horas de conversa e comilança despediram-se sem saber se haveria outra conspiração cósmica que permitisse um reencontro.

No trajeto de volta ao lar, com trânsito absolutamente tranquilo, ao som do Boca Livre, grupo que fazia enorme sucesso lá pela década de 80 e que foi propositalmente escolhido para a trilha sonora daquele momento, em homenagem ao reencontro, o administrador meditava. Por sua lembrança passam simultaneamente os filmes com as biografias dos dois amigos. À exceção do juiz os outros dois continuam na área de RH. Lidando com plano de cargos, carreiras e salários, benefícios, folha de pagamento, treinamento, desenvolvimento e educação... E ambos em funções de gestores.

Apiedou-se um pouco juiz. Mesmo supondo que o líquido do contracheque dele era, pelo menos, mais que o triplo da soma dos valores brutos dos contracheques dos outros dois, sua vida foi um tanto insossa. Foi de longe aquela que apresentou menos aventuras. Talvez decorrência da intensidade dos estudos, do tempo necessário à preparação para ser juiz.

Será que vale à pena se dedicar tanto para se chegar aonde o juiz chegou? Será que a caminhada deve ser desconsiderada, menos valorizada em detrimento do objetivo final? Não será o caminho aquilo que realmente conta?

Lembrou-se das provocações filosóficas no livro de Mário Sergio Cortella, cujo título é *Não espere pelo Epitáfio*. Vieram à mente, também, a canção *Epitáfio*, dos Titãs e um ditado popular “*a gente só leva da vida a vida que a gente leva*”.

Verdadeiramente importante no reencontro foi constatar, mesmo depois de tanto tempo, que permanecerem intactos os valores cultivados na juventude: ética, respeito, solidariedade... Nunca foi simples ou fácil manter as mãos limpas em meio ao lamaçal que os cerca.

Bom saber que ainda há esperança de um Brasil melhor.

TROTES

Marly Saliba Rebouças – Pedagoga – Brasília/DF

Na estatal onde trabalhei por mais de 20 anos, o batismo dos iniciantes na empresa àquela época (1984) ocorria da seguinte forma: os mais antigos lembram que uma das exigências na documentação para assinar o contrato de trabalho era apresentar raio X dos pulmões (rsrsrssss). Pois é! Lá na empresa havia a área de microfilmagem e máquinas enormes, com câmaras escuras. O trote consistia no seguinte: quando a pessoa chegava, os futuros colegas diziam que tinham de refazer o tal raio X, pois o apresentado não valia. Um dos mais “caras de pau” chamava o novato e explicava que a empresa dispunha do aparelho para o exame e, como geralmente as pessoas nem sabiam que existia microfilmagem e muito menos conheciam as máquinas, acreditavam e iam para a tal sala, se preparavam e se posicionavam na sala de microfilmagem, na maior inocência. Ai era a maior farra! A turma caía na gargalhada! Gente! Graças a Deus dessa eu escapei, mas soube de colegas que ficaram ‘p’ da vida com o trote. Mas, depois, alguns passavam o trote à frente, pegando outros novatos!

Em outra oportunidade, estava eu prestando serviço em um banco público. Trabalhava na coordenação de empregados terceirizados, que digitavam contratos de compra e venda de imóveis. Então, um belo dia, surgiu uma moça, uma figura, que mais parecia uma árvore de natal, de tantas bijuterias. A tal moça era muito lenta na digitação. E minha colega que trocava turno comigo, também coordenadora, contou-me essa preciosidade... Certo dia pediu à moça que fosse mais ágil, pois a mão dela era muito pesada. Sabe o que aconteceu?! A menina tirou as pulseiras do braço! Acreditem se quiser, mas foi isto mesmo que aconteceu. Ela pensou que as pulseiras é que deixavam os dedos dela mais lentos. Foi uma piada!

Como era uma empresa de informática, tinham os calouros da área. Jovens cheios de teoria, mas nenhuma experiência, e como a informatização ainda era uma coisa muito nova, os mais “espertos” pediam para os novatos irem à Fitoteca – área onde eram armazenadas fitas de gravações, buscarem os lotes de “bits” que haviam chegado! Pra quem não sabe, bit é a “unidade básica de informação utilizada em computadores, podendo assumir apenas dois valores, 0 ou 1”, ou seja, não é um objeto. O iniciante, nervoso, corria na fitoteca e dava o recado: vim buscar o lote de bit que chegou. A turma caía na risada.

Distribuição Gratuita

Não é autorizada a reprodução sem identificada autoria

Este livro é uma obra idealizada e elaborada pela Comunidade de Recursos Humanos.

Você poderá fazer o download gratuitamente das edições anteriores nos links abaixo:

“CAUSOS” DE RH – VOLUME 1

http://www.4shared.com/file/56237343/125670ae/Livro_de_RH.html

“CAUSOS” DE RH – VOLUME 2

http://www.4shared.com/file/68599837/3ff5ee05/Causos_de_RH_2.html

Participe da Comunidade de Recursos Humanos no Orkut:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=71849>

